

Do Icinform à Teoria da Folkcomunicação: as contribuições de Luiz Beltrão aos estudos da Comunicação Social no Brasil e na América Latina¹

Greicy Mara FRANÇA²
Letícia Monteiro ROCHA³

RESUMO

Este trabalho visa expor as principais contribuições do jornalista e doutor em Comunicação, Luiz Beltrão, um dos pesquisadores mais respeitados do Brasil e da América Latina. Da criação do Instituto de Ciências da Informação - ICINFORM à primeira Teoria em Comunicação genuinamente brasileira. Para discorrer sobre a temática, este artigo iniciará com uma breve biografia de Luiz Beltrão ponderando cronologicamente a trajetória pessoal, profissional e científica; posteriormente é apresentado sobre a criação do primeiro Instituto de Ciências da Informação - ICINFORM, dedicado aos estudos da Comunicação, assim, como a Revista Comunicações e Problemas. Para finalizar, é apresentado a Teoria da Folkcomunicação, considerada um dos principais legados do pesquisador.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Folkcomunicação; Luiz Beltrão.

INTRODUÇÃO

Ao mencionar o nome Luiz Beltrão em uma ambiente acadêmico, principalmente nos cursos da grande área da Comunicação Social, muitos poderão questionar-se quem é ou até mesmo quem foi. O nome muitas vezes ligado à premiação "Luiz Beltrão" (em sua homenagem) concede anualmente como forma de reconhecimento a pesquisadores e grupos de pesquisa de destaque nacional pela Intercom (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação).

Mais do que qualquer premiação, Luiz Beltrão contribuiu pelo ensino da Ciências da Comunicação em quatro âmbitos: local, regional, nacional e internacional. No âmbito local, foi pioneiro na implantação do curso de Jornalismo no estado do Pernambuco; no regional procurou atender a demanda das Universidades dos estados vizinhos na região nordeste do país e participou ativamente para criar, estruturar e contribuir com os ensinamentos nos cursos de Comunicação; na esfera nacional criou o Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM) e a primeira revista científica da área, denominada Comunicações & Problemas, além da publicação de livros do gênero jornalístico, "A imprensa informativa", São Paulo, Folco Masucci, 1969; "Jornalismo

¹ Trabalho apresentado no GT Teorias da Folkcomunicação: Fundamentos e Metodologia da XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação.

² Doutora em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: greicy.franca@ufms.br.

³ Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. E-mail: natasha_let@hotmail.com

interpretativo", Porto Alegre, Sulina, 1976 e "Jornalismo opinativo", Porto Alegre, Sulina, 1980; e por último a Teoria da Folkcomunicação, uma teoria pensada nos moldes da comunicação brasileira, mas que atualmente está presente em estudos na América Latina e em países de origem lusófono.

Diante desta contextualização, este artigo visa entender quais são as principais contribuições de Luiz Beltrão para o estudo das Ciências da Comunicação. O objetivo é expor os principais legados de Beltrão para o Brasil e a América Latina, dentre eles, como citado acima o Icinform, a Revista Comunicações & Problemas e Teoria da Folkcomunicação. Como método de pesquisa foi utilizado o levantamento bibliográfico em livros, para reunir as principais informações acerca do assunto. Para iniciar o artigo, no primeiro tópico será discorrido sobre a vida e trajetória de Beltrão; no segundo tópico, a criação do primeiro Instituto nos moldes internacionais dedicado à pesquisa em Comunicação; no terceiro, através do Instituto criou-se a primeira Revista Científica Comunicações & Problemas para divulgação das pesquisas em âmbito nacional e internacional; e no último tópico é reservado para um dos mais importantes legados de Beltrão - a Teoria da Folkcomunicação.

LUIZ BELTRÃO

Luiz Beltrão de Andrade Lima, nasceu em Olinda - Pernambuco no dia 8 de Agosto de 1918, filho do cirurgião dentista Francisco Beltrão de Andrade Lima e da dona de casa Maria Amália Temudo de Andrade. Ainda na infância, com apenas 12 anos de idade ingressou no Seminário de Olinda e permaneceu até a maioridade (CARVALHO, 1999, pág. 194). Em 1936, após deixar o Seminário, Beltrão atividade profissional, aquela que viria a ser sua grande paixão - o jornalismo. Começou como repórter no jornal Diário de Pernambuco e posteriormente redator-chefe. Dos trinta anos de carreira jornalística, dezessete foram apenas em redações, outros veículos que trabalhou, foram: Correio do Povo, Jornal Pequeno e correspondente da France Presse, todos no Estado do Pernambuco (CARVALHO, 1999, pág. 195).

Beltrão graduou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1943 pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco. Neste período, pela inexistência do curso de jornalismo nas Universidades do Nordeste, a maioria dos profissionais do jornalismo tinham que graduar-se em curso de Direito ou de Filosofia - no caso de Beltrão não foi diferente (CARVALHO, 1999, pág. 194). A partir de 1950 Beltrão começou a se aventurar em um novo espaço: a literatura. Publicou a premiada novela

"Os senhores do mundo", logrando como êxito o prêmio Oton Bezerra de Melo, da Academia Pernambucana de Letras. Antes dessa consagração, Beltrão já em seu currículo o romance "O Aimoré", uma réplica de "O Guarani" de José de Alencar (CARVALHO, 1999, pág. 195). Entre os anos de 1951 a 1959 foi líder sindical exercendo o cargo de presidente da Associação de Imprensa de Pernambuco e entre os anos 1960 e 1962 atuou como vice presidente junto ao Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Pernambuco e ao Conselho de Representantes da Federação Nacional de Jornalismo Profissional. Com o sindicalismo, Beltrão pode desenvolver a capacidade de liderança, como também elevar a própria imagem a uma projeção nacional (CARVALHO, 1999, pág. 195).

Ainda no fim da década de 1950 e começo de 1960, Beltrão começa a distanciar do sindicalismo e parte para a docência. É no ano de 1959, com o funcionamento do primeiro Curso de Jornalismo na região do Nordeste brasileiro, especificamente na Faculdade de Filosofia do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, em João Pessoa - Paraíba, ele é convidado para fazer parte do quadro de docentes (CARVALHO, 1999, pág. 196). Em 1960 Beltrão funda o Curso de Jornalismo da Universidade Católica de Pernambuco com um projeto inovador ao associar formação profissional à pesquisa científica. Já em 1966 passou a integrar o corpo docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Com o surgimento de novos Cursos de Jornalismo no Nordeste e a escassez de docentes habilitados, alguns professores, como no caso de Luiz Beltrão, tiveram que desdobrar para atender a demanda dos estados (CARVALHO, 1999, pág. 196).

No ano de 1963, depois de conhecer o CIESPAL (Centro Internacional de Estudios Superiores de Periodismo para América Latina) no Quito - Equador, Beltrão decide implantar um centro de pesquisa em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco, denominado de Instituto de Ciências da Informação (ICINFORM), o primeiro centro brasileiro de pesquisa em Comunicação Social. O ICINFORM foi responsável pela formação dos primeiros pesquisadores especialistas em fenômenos comunicacionais e também pela elaboração da primeira revista científica acadêmica em comunicação no ano de 1965, denominada de Comunicações & Problemas (CARVALHO, 1999, pág. 197). No mesmo ano (1965) Beltrão é convidado pelo então presidente da república Castelo Branco a assumir a direção da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. No período de 1965 à 1969 defende a tese

intitulada de "Folkcomunicação: um estudo dos agentes e meios populares de informação de fatos e expressão de ideias" na própria UnB e torna-se o primeiro Doutor em Ciências da Comunicação do Brasil. Com a perseguição no período militar, a titulação de Doutor foi suspensa e somente em 1981 conseguiu recebê-la novamente (CARVALHO, 1999, pág. 198).

Na década de 1980 Luiz Beltrão é homenageado pela então ministra da Educação e Cultura, Esther Figueiredo Ferraz, pelo pioneirismo do ensino de Jornalismo no país. Ainda neste período trabalhou na Fundação Nacional do Índio (Funai) e dirigiu um núcleo de pesquisa e pós graduação em Comunicação no Centro de Estudos Universitários de Brasília (Ceub) (CARVALHO, 1999, pág. 199). Em 1984 encerra a carreira de docente e no ano seguinte sofre um derrame cerebral, impossibilitando-o de exercer um de seus maiores hobby: escrever. Com a saúde frágil, no dia 24 de Outubro de 1986, aos 68 anos, falece em decorrência das sequelas do AVC, encerra-se assim, a vida de um dos mais ilustres pesquisador e incentivador da Ciência da Comunicação do Brasil e da América Latina (CARVALHO, 1999, pág. 199).

CRIAÇÃO DO ICINFORM

A criação do ICINFORM (Instituto de Ciências da Informação) está intimamente ligada com a abertura do Curso de Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco. Naquele período a instituição de ensino enfrentou diversas dificuldades, entre elas, a falta de docentes profissionais graduados na área, infraestrutura precária e dificuldades financeiras. Mesmo com diversos problemas estruturais, Luiz Beltrão buscou de forma eficiente viabilizar o projeto do Instituto (NÓBREGA, 1999, pág. 157).

Conforme Benjamin *apud* Nóbrega (1999, pág. 158) a criação do ICINFORM tinha o seguinte objetivo:

O Icinform foi fundado como uma sociedade civil, para reunir professores, alunos, ex-alunos e outros interessados nos estudos de comunicação e deveria converter-se em mecanismo de superação das limitações financeiras e administrativas do Curso, possibilitando uma relação com a comunidade, bem como a realização de atividades de pesquisa e de extensão, de forma independente das autoridades superiores da Universidade.

A criação do Instituto trouxe para o curso de Jornalismo da Universidade Católica a própria viabilização do curso na Instituição, com as parcerias entre

comunidade acadêmica e jornalística e o aumento dos alunos matriculados no curso; "em 1961, eram 32; em 1963, 72; e em 1964, 92". A comunidade e as empresas locais também incentivaram ao estabelecerem prêmios e patrocínios de bolsas de estudo (NÓBREGA, 1999, pág. 159).

Enquanto o Icinform buscou a consolidação no ambiente local, outras fronteiras foram abertas internacionalmente. Universidades e centros de estudos estrangeiros, como por exemplo: Universidade de Concepción (Chile), Católica do Peru (Lima), Vera Cruz (México) e Guayaquil (Equador), se interessam em estabelecer contatos e intercâmbios com as pesquisas e consequentemente com os pesquisadores brasileiros. No âmbito nacional, outras instituições de ensino buscam também o contato, são elas: Escola de Jornalismo Cásper Líbero, Fundação José Augusto (Natal, RN), Universidade de Juiz de Fora (MG), Curso de Jornalismo da PUC do Rio de Janeiro, Universidade de Minas Gerais, Curso de Jornalismo do Instituto Nossa Senhora de Lourdes (João Pessoa - PB). Através dessas relações entre as instituições de ensino, o Icinform foi fortalecido politicamente (NÓBREGA, 1999, pág. 159-160). Entre as principais importâncias em criar um Instituto para área da Comunicação, destacam-se duas: despertar para a importância da pesquisa e motivar a sua prática. Para Holliday *apud* Nóbrega (1999, pág. 162) o Icinform oferecia: "à atividade de pesquisa bases organizacionais e apoio de entidade jurídica à semelhança dos "centros de pesquisas" já existentes há muitos anos, em países avançados, onde também começam apenas com uma salinha e um birô entulhados de papéis".

Para Nóbrega (1999, pág. 163) a importância do Icinform na área da pesquisa não se restringiu ao registro de alguns trabalhos, mas também, representou um centro de estudos onde estudantes e jovens profissionais foram estimulados à refletir e produzir formulações teóricas sobre a comunicação na perspectiva latino-americana. Pode-se assim dizer que o maior legado do Icinform na área de pesquisa foi o efeito multiplicador. Desde a primeira formação de pesquisadores em Comunicação em Pernambuco e consequentemente a distribuição do modelo de trabalho pelo país, podemos acompanhar o reflexo deste pioneirismo nas próprias instituições. Atualmente, diversos cursos da área da Comunicação mantêm um núcleo de pesquisa, como também, Universidades buscam abrir cursos de pós graduação. Em relação aos discípulos diretos de Beltrão, não é possível deixar de dar créditos para José Marques de Melo, Roberto Benjamin, Tereza Lúcia Halliday, Torquato Gaudêncio e Zita Andrade

Lima, pois também foram peças fundamentais para implementação espírito investigativo e da consolidação da pesquisa em Comunicação no Brasil (NÓBREGA, 1999, pág. 163-164).

PRIMEIRA REVISTA CIENTÍFICA EM COMUNICAÇÃO NO BRASIL

A primeira Revista Científica em Comunicação editada no Brasil é denominada de Comunicações & Problemas. O periódico é fruto do projeto de Luiz Beltrão e surgiu como um órgão de difusão do Icinform. A primeira edição ocorreu em março de 1965, com conteúdo dedicado inteiramente as pesquisas de Comunicação e até 1966 a revista era a única no gênero no país (NAVA, 1999, pág. 183).

Comunicações & Problemas foi concebida por Luiz Beltrão nos moldes de grandes centros de pesquisas. A inspiração veio da famosa revista internacional Journalism Quartely, tanto na diagramação de duas colunas, como no formato gráfico que pudesse ultrapassar as fronteiras do país (NAVA, 1999, pág. 187).

Se o Rádio Jornal do Comércio, do Recife, indicava a potência de seus transmissores anunciando-se no ar com o slogan "Pernambuco falando para o mundo", Comunicações & Problemas sinalizava sua pretensão de entrar para o time dos periódicos acadêmicos internacionais ao publicar, ao fim de cada artigo, um resumo em inglês - coisa inédita naquela época onde a pesquisa nacional da comunicação mal emitia seus primeiros vagidos. Foi nesse periódico que Luiz Beltrão lançou as bases para a pesquisa da Folkcomunicação no Brasil. Precursora da Revista Brasileira de Comunicação, criada depois pela Intercom, em São Paulo (NAVA, 1999, pág. 188).

Durante o período de veiculação da revista, conforme Nava (1999, pág. 183-186) sofreram descontinuidades em suas publicações, que podem ser compreendidas em três fases:

Na primeira fase Comunicações & Problemas foi trimestral (março, julho e novembro). [...] Nessa primeira fase, o periódico enfoca questões regionais do nordeste. Na segunda fase há diversificação e ampliação da temática frente aos problemas latino-americanos. [...] Neste número encontramos, também, a publicação do primeiro estudo brasileiro para uma tentativa de classificação e conceitos das Ciências da Informação, de autoria de José Marques de Melo, na época professor de Introdução às Ciências da Informação, da Unicap. [...] Neste volume, aparece o primeiro convite para intercâmbio de publicações, em três línguas: inglês, francês e castelhano. [...] Na terceira fase o periódico deixou de ser publicado até março de 1968, quando o nº 2/3 do volume III, foi editado. Descompasso resultante de problemas acontecidos em junho de 1967, em virtude de modificações introduzidas na administração e na política pedagógica da Universidade Católica de Pernambuco e em seu Departamento de Comunicação e, também pela substituição do reitor da Universidade de Brasília. [...] Sob o título "Terceira Fase", o editorial resgata o

pioneirismo de Comunicações & Problemas como "a primeira revista ser editada no Brasil, inteiramente dedicada aos estudos e pesquisas da Comunicação. [...] Nessa fase, há diversificação da pauta, incluindo viagens e turismo, discos e canções populares, questões sobre editoração, livrarias, folclore, comunicações administrativas, de ideias industriais e extensão agrícola, telecomunicações, semiótica e psicolinguística.

Comunicações & Problemas circulou no Brasil até 1969, acabando no número 11 e totalizando 12 edições (no número 3 a edição saiu 2 em 1). O fim da revista deu-se em virtude da ditadura militar, o sistema político vigente no país naquele período. Também contribuiu para o fim, as mudanças nos cargos dos reitores e questões políticas referentes aos acadêmicos (NAVA, 1999, pág. 187). Nos quatro anos de existência houveram diversas discussões sobre as questões no âmbito da comunicação, dentre eles, o destaque da pesquisa comunicacional no nordeste brasileiro aos problemas latino-americanos. Ao investigar a comunicação além do próprio território, pode-se afirmar que a revista alcançou o objetivo de ir além das fronteiras físicas, como também incentivou analisar as características da comunicação da América Latina como um todo, destacando as particularidades de cada país (NAVA, 1999, pág. 187).

TEORIA DA FOLKCOMUNICAÇÃO

Os estudos da Folkcomunicação iniciaram-se ainda no ano de 1959, pela curiosidade de Luiz Beltrão em compreender como ocorria a difusão de informações e a expressão da opinião pública no âmbito comunicacional, algo até então irrelevante para a pesquisa acadêmica.

No prisma da comunicação, este estudo tinha como problema principal a produção de conteúdo pela elite, transmitidas através das mensagens pelos meios massivos, com objetivos de atingir o povo (massa). O ponto fundamental para iniciar a elaboração da tese, era justamente compreender o funcionamento dessa transmissão e se os intelectuais preocupavam em saber do público alvo os interesses, a realidade e as necessidades que eles tinham. Conforme Amphilo (2013, pág.984), Beltrão começou a solucionar estes problemas a partir dos estudos realizados nos meios de comunicação coletiva:

Os meios de comunicação que a ciência e a tecnologia lançam sucessivamente, buscando idealmente a integração dos sistemas, esbarraram na realidade social contemporânea da oposição entre grupos organizados - que constituem o que se convencionou chamar de elite - que detêm o poder econômico, exercem a dominação cultural e o controle político, e os grupos não-organizados, a massa - urbana ou rural - de baixa renda, excluída da cultura erudita e das atividades políticas. Os primeiros estão expostos, captam e decodificam as

mensagens dos meios de comunicação massivos, todos grandes empreendimentos econômicos, de que são proprietários, patrocinadores e colaboradores conscientes; os últimos, não expostos ou apenas consumidores passivos de tais meios que, como o livro, exigem "alfabetização" para que suas mensagens sejam entendidas, inclusive em seu significado latente. Por isso, sem poder decisório, excluídos de uma participação ativa no processo civilizatório, em uma palavra, marginalizados.

Até este período, a comunicação acontecia de forma de difícil compreensão; não fluía em virtude da elite buscar um padrão incompatível com a realidade da maior parte da população brasileira (no período em questão, a taxa de analfabetismo era elevada). As variáveis determinantes para a falha de comunicação eram: o ruído (semântico ou técnico), a *doxa* (filtro com que percebemos o mundo), o *habitus* e *modus vivendi*, e o contexto (de produção e recepção das mensagens, que podem ter seu sentido alterado em contextos diferentes). Essas variáveis ocasionavam na incompreensão da mensagem por parte do público (AMPHILO 2013, pág.985).

Percebe-se que o objetivo da investigação era de vencer a "incomunicação" e desta forma compreender as mensagens que eram assimiladas pelas populações mais abastadas, ou conforme Beltrão definiu de marginalizadas. É desta questão que surge a Teoria da Folkcomunicação, uma teoria funcionalista/difusionista, mas que dialoga proximamente do paradigma materialista/dialético, de cunho marxista.

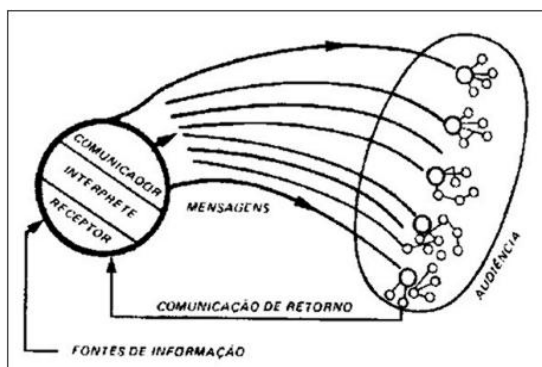
Por Folkcomunicação Beltrão define em "o processo de intercâmbio de informações e manifestação de opiniões, ideias e atitudes da massa, através de agentes e meios ligados direta ou indiretamente ao folclore"(BELTRÃO, 2014, pág. 70). A constatação da realidade brasileira juntamente com a experiência vivida no campo comunicacional levaram Beltrão a formular as perguntas norteadoras da investigação sobre Folkcomunicação. Pode-se afirmar que o pensamento inicial em pesquisar sobre a produção de conteúdo pela elite destinadas aos meios massivos foram o marco epistêmico da pesquisa (AMPHILO, 2013, pág. 983).

Como se informavam as populações rudes e tardas do interior de nosso país continental? Por que meios, por quais veículos manifestavam o seu pensamento, a sua opinião? Que espécie de jornalismo, que forma - ou formas - atenderia à sua necessidade vital de comunicação? Teria essa espécie de intercâmbio de informações e ideias algo em comum com o jornalismo, que passei a classificar de "ortodoxo"? E não seria uma ameaça à unidade nacional, aos programas desenvolvimentistas, aos nossos ideias políticos e à mesma sobrevivência do homem brasileiro, como tipo social definido, o alheamento em que nós, jornalistas, e os nossos governantes nos mantínhamos ante essa realidade enigmática, que é a comunicação

sub-reptícia de alguns milhões de cidadãos alienados do pensamento das elites dirigentes? (BELTRÃO, 2014, pág. 66).

As bases teóricas que fundamentaram a teoria da Folkcomunicação podem ser consideradas em duas etapas: a primeira é a influência de dois pesquisadores brasileiros - os folcloristas Luís Câmara Cascudo e Edison de Souza Carneiro - o primeiro pesquisava sobre as manifestações da comunicação popular nordestina e o segundo tratava da "Dinâmica do Folclore", tese defendida pelo autor. A segunda principal influência foi a busca pelo aporte teórico na teoria de comunicação de massa dos norte-americanos Katz e Lazarsfeld, denominada de *two step flow of communication*, que visava refutar a ideia dominante da onipotência midiática (MELO, 2014, pág.13).

Beltrão lança-se a mão da Teoria de Comunicação das duas etapas realizadas por Katz e Lazarsfeld a partir de pesquisas eleitorais nos Estados Unidos e depois inclui na sistematização do problema a Teoria da Comunicação em Múltiplas Etapas de Wilbur Schramm (tuba de Schramm). A seguir está o primeiro modelo de comunicação, que foi essencial para definir a área da pesquisa e reflexão teórica sobre a mesma.



Fonte: BELTRÃO, Luiz. (1980, pág.30).

Com base no modelo acima, a "tuba de Schramm", adaptado por Luiz Beltrão representa de um lado o comunicador (editora, rádio, emissoras de tv, etc.) que envia mensagens idênticas através do meio específico de cada veículo. Os receptores (audiência) decodifica, interpreta, retransmite e discute gerando uma reinterpretação e talvez uma produção de opinião entre o grupo para o processo de *feedback* (BELTRÃO, 1980, pág. 29).

A influência dos meios de comunicação de massa se exerce não diretamente, mas através de grupos compreendidos dentro de n receptores que constituem a audiência, por sua natureza dispersa e desorganizada (BELTRÃO, 1980, pág. 29).

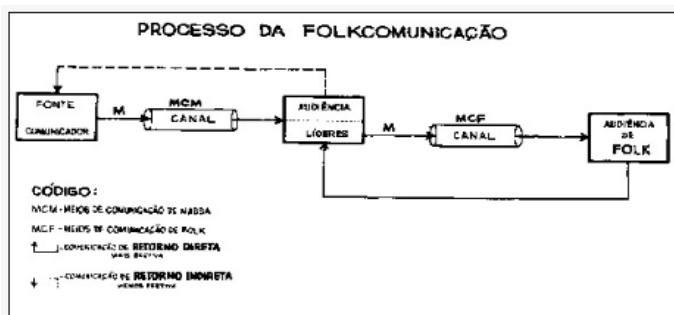
A audiência *folk* conforme Beltrão *apud* Aragão (2013, pág. 819) são os grupos marginalizados, que foram divididos em três grandes conjuntos:

- 1) Os grupos marginalizados, sobretudo devido ao seu isolamento geográfico, sua penúria econômica e baixo nível intelectual. Possui as seguintes características: habitantes de área isolada, subinformados, desassistidos, em sua maioria semianalfabetos ou analfabetos, universo vocabular reduzido e/ou particularíssimo, acesso restrito aos meios de massa, normalmente valem de canais interpessoais diretos.
- 2) Os grupos urbanos marginalizados, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas, desassistidas, subinformadas e com mínimas condições de acesso. Também possui as seguintes características: reduzido poder aquisitivo e concentram-se em aglomerados de moradias com pouca segurança e higiene.
- 3) Os grupos culturalmente marginalizados, urbanos ou rurais, que representam contingentes de contestação aos princípios, à moral ou a estrutura vigente. Alternam a cultura e a organização social estabelecida, em razão de adotarem filosofia contrária às ideias e práticas generalizadas da comunidade.

A audiência é dinâmica neste processo são formados pequenos grupos para o intercâmbio de ideias. Deste processo, Beltrão (1980, pág. 31) define:

"1) a influência de outras pessoas em decisões específicas tende a ser mais frequente - e certamente mais efetiva - que a dos meios de comunicação de massa; 2) influenciadores e influenciados mantêm íntimas relações e, conseqüentemente, tendem a compartilhar das mesmas características de situação social: é muito raro pessoas de alta situação social influenciarem outras de baixa condição e vice-versa; 3) indivíduos intimamente relacionados tendem a ter opiniões e atitudes comuns e relutam em abandonar o consenso do grupo, mesmo que os argumentos dos meios de comunicação de massa lhes pareçam atraentes; 4) há especializações na "liderança de opinião" - por exemplo: uma mulher é influente sobre compras, mas provavelmente não o será quanto a modas; 5) embora a influência passe dos mais para os menos interessados, estes últimos devem ter suficiente interesse para serem suscetíveis: não há líderes sem partidários e o partidatismo exige interesse; 6) os "líderes de opinião" têm mais tendência a se exporem aos meios de comunicação de massa, particularmente ao mais relevantes para suas esferas de influências"

Com o corpo teórico mais consolidado cientificamente, Beltrão parte para a segunda etapa e formula um modelo de comunicação próprio para a Folkcomunicação. Podemos ver a seguir, no próximo quadro, as ideias de Katz, Lazarsfeld e Schramm formando o processo de comunicação que atua a Folkcomunicação.



Fonte: BELTRÃO, Luiz. (1980, pág.)

O processo da Folkcomunicação inicia-se como a maioria dos modelos de comunicação - Emissor/Comunicador, depois o Canal/Mensagem/Meios de Comunicação de Massa e finaliza com o Receptor/Audiência/Líderes. No fim da primeira etapa da comunicação, aparece pela primeira vez o papel do líder de opinião, um agente responsável pela decodificação das mensagens que serão transmitidas para a audiência folk. Estes agentes utilizam-se de canais alternativos ou o chamado "boca a boca" para transmitir o que é de interesse deste público.

Conforme Aragão (2013, pág. 818-819) o modelo de comunicação idealizado por Beltrão tem a seguinte função:

O sistema da Folkcomunicação é composto por uma principal fonte de informação, normalmente o comunicador de massa, e um receptor especial, o líder de opinião, que "traduz" a mensagem recebida (usando uma linguagem e meio eficaz), adequando-a à audiência de *folk*.

E também foi verificado que o fluxo de comunicação em dois níveis pode ser um fluxo em múltiplos estágios, compreendendo meios e a relação de "líderes com seu grupo mais íntimo, líderes com outros líderes e, afinal com a grande audiência de *folk*."

Além dos estudos de Beltrão para definir "o que é Folkcomunicação", outros pesquisadores posteriormente buscaram conceituar de forma abrangente a Teoria no intuito de atualizar e abarcar novas opiniões para enriquecer o corpo teórico.

Para iniciar, a definição por José Marques de Melo (2007, pág.21) é "a Folkcomunicação caracteriza-se pela utilização de mecanismos artesanais de difusão simbólica para expressar em linguagem popular mensagens previamente veiculadas pela indústria cultural". Roberto Benjamin (2007, pág.25) cita seis aspectos importantes envolvendo a Teoria da Folkcomunicação:

- 1) A comunicação (interpessoal e grupal) ocorrente na cultura *folk*; 2) a mediação dos canais *folk* para a recepção da comunicação de massas; 3) a apropriação de tecnologias da comunicação de massas e o uso dos canais massivos e cibernéticos por portadores da cultura *folk*; 4) a presença de traços da cultura de massas absorvidos pela cultura *folk*; 5) a apropriação de elementos da cultura *folk* pela cultura de massas e pela cultura erudita (projeção do folclore); 6) a recepção na cultura *folk* de elementos de sua própria cultura reprocessados pela cultura de massa.

Para a pesquisadora Cristina Schmidt (2007, pág. 34) Folkcomunicação "abarca os processos comunicativos não hegemônicos voltados para a comunicação com um mundo em múltiplos processos". A autora ainda afirma que a Teoria abre-se para vários segmentos que compõem a sociedade - especialmente os grupos marginalizados dos

processos hegemônicos de transmissão de mensagem pelos meios de comunicação de massa. Logo para Antônio Hohlfeldt apud Branco (2013, pág. 1005):

Folkcomunicação pode ser entendida como o estudo dos procedimentos comunicacionais pelos quais as manifestações da cultura popular ou do folclore se expandem, se socializam, convivem com outras cadeias comunicacionais, sofrem modificações por influência da comunicação massificada e industrializada, ou modificam quando apropriadas por tais complexos.

Para Karina Woitowicz (2007, pág.59) que também contribui com a definição de Folkcomunicação:

As Teorias da Folkcomunicação partem da premissa de que, mesmo diante de uma ideologia hegemônica, projetada por forças políticas, econômicas e culturais propagadas pela mídia, existem diferentes formas de apropriação da cultura de massa e de construção de outros referenciais simbólicos, por meio da cultura popular.

Enquanto que Filho (2007, pág. 90) debate as contribuições que a Teoria da Folkcomunicação realizou ao colocar em evidência os povos marginalizados. O autor assim afirma: "A Teoria da Folkcomunicação deu conta historicamente dos fluxos de difusão das mensagens massivas e da sua percepção crítica por parte das comunidades ágrafas ou desescolarizada".

A partir das novas atualizações e a busca pela expansão da Teoria nos diversos ambientes, afim de institucionalizá-la enquanto disciplina científica, os espaços foram conquistados primeiramente pelos "discípulos" de Beltrão com objetivo de consolidar a Teoria e posteriormente o novos pesquisadores, que atuam mesclando teoria e prática aprendidas nas Universidades. A seguir são apresentados os seis principais ambientes em que a Folkcomunicação está presente.

O primeiro ambiente conquistado é o espaço acadêmico. Foi no ano de 2004, onde formalmente foi constituída a Organização Não Governamental Rede de Estudos e Pesquisas em Folkcomunicação, oriunda durante o VI Encontro Brasileiro de Folkcomunicação, ainda no ano de 2003 (GOBBI, 2013, pág. 927). Outros espaços importantes para os pesquisadores e principalmente da própria academia, são: Núcleo de Pesquisa da INTERCOM (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação; ALAIC (Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación) (GOBBI, 2013, pág. 930). O segundo espaço é a Rede Nacional, representado pela Rede Folkcom, que segundo Betania Maciel (2004 *apud* LIMA, 2013, pág.937).

Constitui-se em uma organização não governamental institucionalizada como associação civil sem fins de lucros. Seu

objetivo é legitimar a Rede como um núcleo gerador de reflexões, com uma visão totalizadora do contexto da cultura popular, do folclore e da mídia dentro dos processos de comunicação social midiaticizada.

O terceiro espaço refere-se em Rede Latino-Americano, os grupos de estudos (GTs) cujos integrantes são: brasileiros, sul americanos, hispanos e lusófonos. São assim denominados: Asociación Latinoamericana de Investigadores de la Comunicación (Alaic); Federação Lusófona de Ciências da Comunicação; Federación Latinoamericana de Facultades de Comunicación Social (Felafacs); Associação Iberoamericana de Comunicação (IBERCOM). (MACIEL, 2013, pág. 941-42). O quarto espaço é em Revista Internacional, representa-se aqui a revista RIF (Revista Internacional de Folkcomunicação). Atualmente o processo de produção da RIF é de responsabilidade pelo projeto de extensão Agência Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. A UEPG é responsável pelas etapas de elaboração do periódico, do recebimento dos artigos à disponibilização no sistema on-line e o envio para os pareceristas para averiguação do material (WOITOWICZ, 2013. pág. 947). O quinto espaço é na Arena Global, onde finalmente a Folkcomunicação é reconhecida como disciplina e paralelamente conquista um crescente número de adeptos. Outro ponto discutido é a relação da teoria a ser estudada sob a luz da globalização, algo ainda não discutido por Beltrão (SCHMIDT, 2013, pág. 950). E no sexto e último espaço é na Era Digital, em que finalmente pode-se discutir as relações e os elementos *folk* dentro do território virtual, como também a linguagem produzida neste meio (CORNIANI, 2013, pág. 962).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O pioneirismo de Luiz Beltrão foi fundamental para o desenvolvimento da Ciências da Comunicação no Brasil, seja ela a criação do Icinform; a abertura dos primeiros cursos de Jornalismo na região nordeste do país; publicações de livros sobre Jornalismo, Folkcomunicação e Comunicação de Massa; a criação da Revista Comunicações & Problemas e principalmente a Teoria da Folkcomunicação.

No entanto, podemos observar que atualmente a Teoria da Folkcomunicação faz justamente o objetivo que Beltrão tanto almejou: a integração da América Latina nos estudos da Comunicação. O modelo proposto em sua tese é atualmente estudada por vários países, pois as características da comunicação se assemelham. São discutidos principalmente nos grupos de pesquisas dos Congressos Nacionais e Internacionais

como por exemplo o Alaic (Associação Latino Americana de Investigadores da Comunicação), o Encontro Internacional de Folkcomunicação, Intercom e a Conferência Brasileira de Folkcomunicação (Rede Folkcom).

Portanto, com o levantamento de informações para este artigo, conclui-se que Luiz Beltrão contribuiu em vida imensamente para os estudos da Comunicação e incentivou a formação de novos pesquisadores. Após sua morte, os próprios "discípulos" encarregaram de dar continuidade as suas ideias, em alguns momentos atualizando suas definições, o que foi fundamental para a consolidação e o reconhecimento do seu legado.

REFERÊNCIAS

AMPHILO, M. I. Fundamentos epistemológicos da Folkcomunicação. In: José Marques de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.

ARAGÃO, I. P. Legado Beltraniano: aspectos iniciais da Folkcomunicação. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Ed. Cortez, 1980.

_____. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2014.

BENJAMIN, R. Folclore. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. (Orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

BRANCO, S. C. Possibilidades Metodológicas na Folkcomunicação. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

CARVALHO. S. V. C. B. R. Luiz Beltrão: da criação do ICINFORM à Teoria da Folkcomunicação. In: **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. MELO, José Marques de. GOBBI, Maria Cristina (Orgs). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

CORNIANI, F. R. A folkcomunicação na era digital. In: MELO, José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013.



**XVIII Conferência Brasileira de Folkcomunicação
Recife-PE, 02 a 05 de maio de 2017 – UFRPE/FACIPE**

FILHO, S. A. de L. Folkmarketing. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. (Orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

GOBBI, M. C. Folkcomunicação no espaço acadêmico. In: MELO, José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

LIMA, M. E. O. Folkcomunicação em rede nacional. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

MACIEL, B. Folkcomunicação em rede latino-americana. In: MELO, José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

MELO, J. M. Folkcomunicação. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. (Orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

_____. Introdução. In: BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão. Porto Alegre: Editora EDIPUCRS, 2014

NAVA, R. M. F. D. Comunicações & Problemas: o primeiro periódico de estudos e pesquisas da Comunicação do Brasil. In: **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. MELO, José Marques de. GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

NÓBREGA, M. L. Uma experiência pioneira: da criação do ICINFORM à Teoria da Folkcomunicação. In: **Gênese do Pensamento Comunicacional Latino-americano**: o protagonismo das instituições pioneiras CIESPAL, ICINFORM, ININCO. MELO, José Marques de. GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). São Bernardo do Campo, Universidade Metodista de São Paulo, Cátedra UNESCO de Comunicação para o Desenvolvimento Regional, 1999.

SCHMIDT, C. Folkcomunicação na arena global. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013

WOITOWICZ, K. J. Grupos Marginalizados. In: GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWICZ, Karina Janz. (Orgs.). **Noções básicas de Folkcomunicação**: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões. Ponta Grossa, Editora UEPG, 2007.

_____. K. J. Folkcomunicação em revista internacional. In: José Marque de, FERNANDES, Guilherme Moreira. (Orgs.). **Metamorfose da Folkcomunicação**: antologia brasileira. São Paulo: Editae Cultural, 2013